

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Olá, pessoal!

Professora e Coach Patrícia Manzato aqui para darmos continuidade nos nossos estudos de Língua Portuguesa!

Nesta aula, nosso foco é em entender Variação Linguística. Por mais que não seja um assunto muito cobrados nas bancas em geral, ele está em seu edital, então precisamos dar atenção a ele, ok?!

Estudar Variação Linguística é compreender um fenômeno natural de uma língua, que varia diversos fatores, como históricos e culturais, afinal a língua portuguesa é viva e é por meio do qual os falantes dessa língua se comunicam verbalmente.

Vamos em frente!

Por fim, se quiser conhecer melhor meu trabalho e ter ainda mais dicas de Estudos e de Língua Portuguesa, me siga nas redes sociais 🎯👉📚

Grande abraço e ótimos estudos!

Profª Patrícia Manzato



[@prof.patriciamanzato](#)



[Prof. Patrícia Manzato](#)

O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

Em termos simples, a língua tem a finalidade de comunicar, de transmitir conteúdo.

Sendo ela um *instrumento*, é natural que as pessoas usem-na de forma *não homogênea*, de acordo com suas necessidades e com o contexto em que se encontram. Essa *variedade* de formas no uso do idioma pode ser encontrada até mesmo na fala de uma única pessoa.



Sobre língua e suas variações, o que cai em prova é:

- ✓ Nenhuma língua é imutável.
- ✓ Mesmo em um único local, há infinitas variantes, por razões geográficas, sociais e até mesmo individuais.
- ✓ Essa variação não prejudica a unidade de uma língua.
- ✓ A língua é entendida como instrumento de comunicação de sentidos e emoções.

Nesse mesmo sentido, nos "Parâmetros Curriculares Nacionais", publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1998, observamos que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em "Língua Portuguesa" está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma **língua única**, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre "o que se deve e o que não se deve falar e escrever", **não se sustenta** na análise empírica dos usos da língua. (grifos meus)

Veja que o fragmento acima **relativiza** a possibilidade de haver uma única língua, com regras rígidas do que se deve ou não fazer. A prática linguística não parece corroborar essa possibilidade.

Assim, devemos destacar também as seguintes constatações sobre variação:

- ✓ A variação é fenômeno inerente a todas as línguas, inclusive as línguas antigas.
- ✓ A língua varia porque a sociedade é dividida em grupos e, dentro de cada grupo, há pessoas de diferentes idades, regiões, profissões, gêneros, classes sociais.
- ✓ A língua também varia devido ao nível de formalidade exigida pela situação.
- ✓ Há julgamento moral sobre as variantes linguísticas. Aquelas variantes que desviam na gramática normativa, ensinada nas escolas e propagada como universal e correta, são desprestigiadas e dão causa a estigma social.



(TJ-RS / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2020 - Adaptada)

Texto 1

É claro que somos livres para falar ou escrever como quisermos, como soubermos, como pudermos. Mas é também evidente que devemos adequar o uso da língua à situação, o que contribui efetivamente para a maior eficiência comunicativa.

Considerando o pensamento do texto 1 e tendo conhecimento das atribuições de um oficial de justiça, chegamos à conclusão de que, nessa atividade, a língua escrita, o nível, o uso ou o registro do idioma deve ser predominantemente formal, de acordo com os princípios da gramática normativa.

Comentário

A linguagem é formal, segue as normas básicas de grafia, concordância, regência, colocação pronominal, enfim, é rigorosamente compatível com o padrão culto. Não há indícios de regionalismo, jargão, gíria, linguagem popular ou qualquer tipo de informalidade. Questão correta.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Conforme foi mencionado, há um “julgamento moral” sobre as variantes linguísticas. Especificamente, uma dessas variantes foi “eleita” como correta: a variante “cultu” da língua, por ser compartilhada por atores sociais dominantes, como intelectuais, escritores, jornalistas, artistas, instituições oficiais, pelos órgãos de poder.

A “norma cultu” é tida como “ideal” e hierarquicamente superior às outras. Essa convicção é chamada de “preconceito linguístico”, pois marginaliza as demais variantes, especialmente as menos escolarizadas, tratando-as como inválidas, erradas.

Não são poucas as pesquisas que levaram à conclusão de que não existe uma norma única, mas sim uma pluralidade de normas, normas distintas segundo os níveis sociolinguísticos e as circunstâncias de comunicação. É necessário, portanto, que se faça uma **reavaliação do lugar da norma padrão, ideal, de referências a outras normas**, reavaliação essa que pressupõe levar em conta a variação e observar essa norma padrão como o produto de uma hierarquização de múltiplas formas variantes possíveis, segundo uma **escala de valores baseada na adequação de uma forma linguística**, com relação às exigências de interação.

(...)

A variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais, nos diferentes períodos da nossa história. São fatos dessa natureza que demonstram que **não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certo” e “errado” e em variante regional “melhor” ou “pior”, “bonita” ou “feia”**. (CALLOU, 2009, p.17).

Conforme o trecho acima, percebe-se a existência de uma “**pluralidade de normas**”, que variam de acordo com fatores sociais e situacionais. A tentativa de reduzir todas as normas a uma única, absoluta, atenta contra a possibilidade de adequação a contextos diferentes.

Segundo o linguista Marcos Bagno, o preconceito linguístico também se perpetua por meio da escola e dos materiais didáticos escolares, que alimentam a noção de que a norma cultu é a única socialmente aceita, conforme sugere a tirinha abaixo.



Observe que a professora condena a variação regional do personagem Chico Bento, sugerindo que aquilo “não é português”. A tirinha retrata a professora como perpetuadora da noção de que só existe um “português” correto e é aquele rigidamente pautado pelas prescrições normativas da gramática tradicional.



Preconceito Linguístico

O que é?

Juízo de valor negativo às variedades linguísticas de menor prestígio social.

Principais "sinais" de preconceito linguístico:

Não aceitação das variantes. Frases como "Isso não é português", "Existe apenas uma língua correta".



(PREF. DE BELO HORIZONTE (MG) / PROFESSOR / 2015 - Adaptada)

“Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas

formas de preconceito, a mostrar que elas não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é 'certo' e o que é 'errado', sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de 'preconceito positivo', que também se afasta da realidade."

(BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.)

Tendo em vista as ideias de Marcos Bagno e os preceitos da Sociolinguística, julgue se a afirmação constitui mito sobre a língua:

"A classe dita culta mostra-se displicente em relação à língua nacional, e a indigência vocabular tomou conta da juventude e dos não tão jovens assim, quase como se aqueles se orgulhassem de sua própria ignorância e estes quisessem voltar atrás no tempo."

Comentário:

Note que a afirmação constitui mito linguístico, pois afirma uma "displicência" com a "língua nacional", como se houvesse apenas uma língua. Além disso há visão pejorativa em relação à variação linguística falada pelos jovens. Questão correta.

TIPOS DE VARIAÇÃO X NÍVEIS DE VARIAÇÃO

Níveis de variação

A variação pode ocorrer em todos os níveis da língua. No entanto, os dois níveis mais pronunciados da variação linguística são a pronúncia e o vocabulário.

No nível fonético, temos alterações na pronúncia e na troca de letras. Por exemplo:

- ✓ Em termos de pronúncia, há o /r/ final de sílaba, pronunciado por um carioca (arranhado, como "roda") e por uma pessoa do interior de São Paulo (arredondado, como no inglês);
- ✓ Em certos segmentos sociais, troca-se o /l/ pelo /r/ (diz-se *arto* e não *alto*).
- ✓ Há também essa variação quando se pronuncia: os infinitivos sem o /r/ final (*casá, vendê, prosseguir*);
- ✓ Outras trocas possíveis: *tamén* (no lugar de também); *fulô* (no lugar de flor), *sinhô* (no lugar de senhor), *fedô* (no lugar de fedor); *muié* (no lugar de mulher), *paiaço* (no lugar de palhaço); *fio* (no lugar de filho), *correno* e *fazeno* (no lugar de correndo e fazendo).

Veja como a tirinha abaixo exemplifica tais variações:



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

No nível léxico, há nomes diferentes para os mesmos elementos, de acordo com o estado ou região. Por exemplo:

- ✓ tangerina (sudeste) x mexerica (nordeste)
- ✓ mandioca (sudeste) x aipim (sul) x macaxeira (nordeste);
- ✓ pãozinho (sudeste) x cacetinho (sul);
- ✓ garota (sudeste) x guria (sul);
- ✓ criança (Brasil) x miúdo (Portugal).

Há charge a seguir ilustra bem essa variação lexical:



No nível morfológico, podemos encontrar os falantes conjugando verbos irregulares como se fossem regulares ("ansio" no lugar de "anseio") e vice-versa.

É recorrente na língua também o modo subjuntivo do verbo "ver" conjugado como "ver", embora a gramática normativa prescreva sua conjugação "correta" como "vir".

É comum também o uso de "propor" no subjuntivo, quando a gramática prescreve a forma "propuser". Da mesma forma, vale para os verbos derivados de "pôr".

Em Pernambuco, por exemplo, é comum o uso do pretérito perfeito do indicativo com terminação em -esse: "Fizesse" no lugar de "fez", "vendesse" no lugar de "vendeu". Observe que essa terminação é idêntica à do tempo subjuntivo: Se eu fizesse, se eu vendesse.



Por fim, **no nível sintático**. No português brasileiro é comum o uso (e abuso) do gerúndio ("correndo", "trabalhando"), enquanto na variante portuguesa ocorre a sintaxe "a correr", "a

trabalhar”.



Ainda no nível sintático, há que se destacar outras diferenças entre o *português falado no Brasil* e o falado *em Portugal*.

O uso dos pronomes é bastante diferente, mas a gramática normativa prescreve um uso que não encontra respaldo na prática do falante brasileiro:

- ✓ Para um português é bastante natural iniciar seus períodos com ênclise: “dá-me um cigarro”.
- ✓ O brasileiro, na linguagem oral, tende a usar “Me dá um cigarro”. Somente na linguagem mais formal, da escrita é que esse uso do pronome tende a seguir a gramática normativa.

Perceba que esse exemplo deixa mais claro que a gramática normativa é praticamente toda baseada no *português literário europeu* e não reflete as práticas linguísticas consagradas no Brasil.

É provavelmente por isso que há tanta dificuldade na colocação pronominal, porque as regras são contraintuitivas.

Veja alguns exemplos abaixo, destacados por Marcos Bagno:

Por exemplo, os pronomes o/a, de construções como “eu o vi” e “eu a conheço”, estão praticamente extintos no português falado no Brasil, ao passo que, no de Portugal, continuam firmes e fortes. Esses pronomes nunca aparecem na fala das crianças brasileiras nem na dos brasileiros não-alfabetizados e têm baixa ocorrência na fala dos indivíduos cultos, o que demonstra que são exclusivos da língua ensinada na escola, sobretudo da língua escrita, não fazendo parte, então, do repertório da língua materna dos brasileiros. Nossas crianças usam sem problema me e te — “Ela me bateu”, “Eu vou te pegar” —, mas o/a jamais, que são substituídos por ele/ ela: “*Eu vou pegar ele*”, “*Eu vi ela*”. As formas lo e la — pegá-lo, vê-la —, então, nem pensar. Se as crianças não usam é porque não ouvem

os adultos usar, e se os adultos não usam é porque não precisam desses pronomes. *E mesmo na língua dos adultos escolarizados, esses pronomes só aparecem como um recurso estilístico, em situações de uso mais formais, quando o falante quer deixar claro que domina as regras impostas pela gramática escolar.* A gramática escolar, no entanto, desconhece essa transformação por que a língua está passando e insiste em considerar “erradas” construções como “Eu conheço ele”, “Você viu ela chegar” etc.

A *ausência de concordância* também é considerada uma variante de nível sintático: “os amigo dos amigo”, “os jogador fez gol”.

A linguística explica que esse fenômeno ocorre porque a língua tende a eliminar a redundância: como a noção de plural já está contida no artigo “os”, não faria falta nos outros termos da expressão nominal.

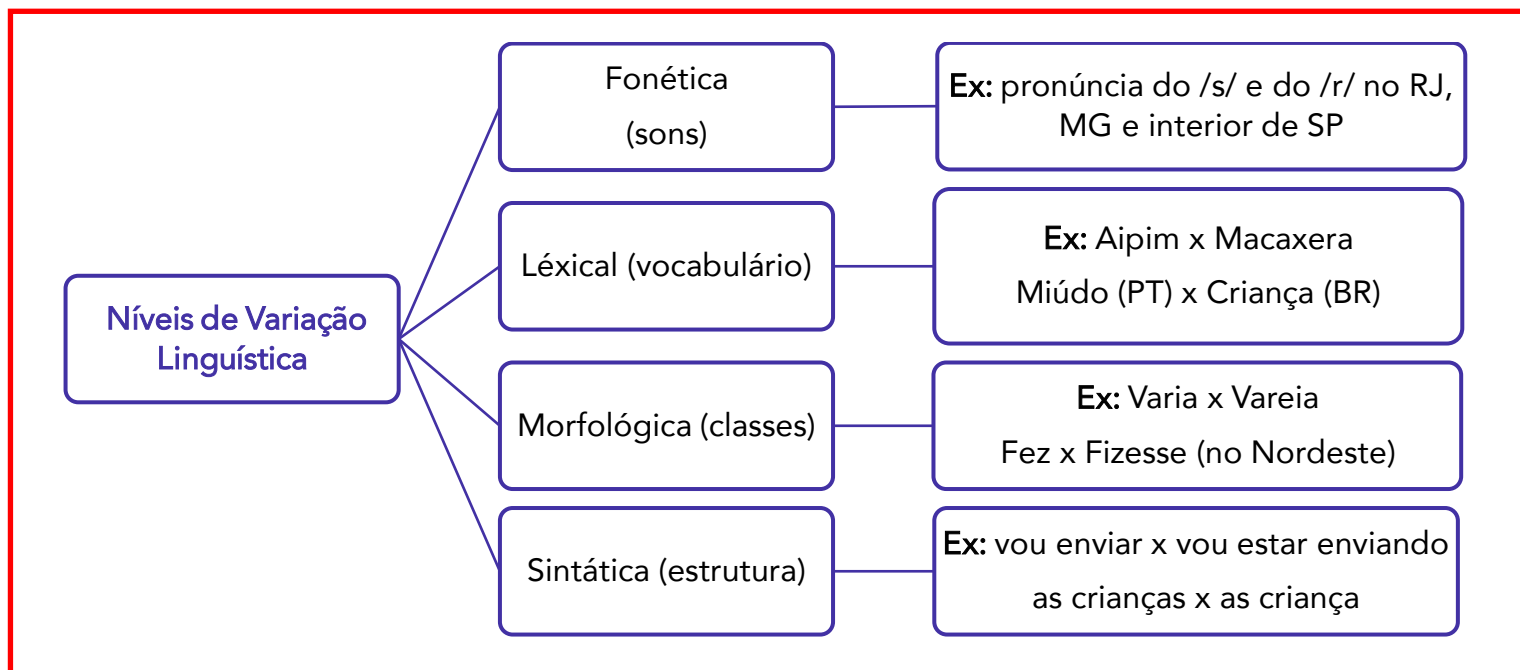
Veja essa variação de nível sintático no tipo regional:



Aproveito também para indicar uma variante linguística de nível sintático bastante criticada atualmente, chamada de “*gerundismo*”. Consiste basicamente no acréscimo do gerúndio a expressões que indicam futuro imediato ou próximo: “vou estar fazendo”, “vou estar encaminhando sua mensagem”, “vou estar gerando seu protocolo”.

Esse fenômeno tem tudo para cair na sua prova dentro do tema de variação linguística.

Veja a ilustração de tal fenômeno na charge abaixo:



Tipos de variação

A variação linguística ocorre de região para região, de grupo social para grupo social, de situação para situação. Esses fatores se cruzam, tornando o fenômeno ainda mais complexo.

Por exemplo, podemos observar que a fala do carioca é diferente da do gaúcho. Porém, dentro da própria fala carioca, teremos uma variante mais popular e outra mais culta. Dentro da popular,

podemos encontrar um nível mais ou menos formal. Até mesmo na língua escrita há níveis de formalidade. Em suma, há diversos tipos de variação, que ocorrem dentro dos níveis explicados acima.

A *variação regional*, também chamada de diatópica, é aquela decorrente da diversidade geográfica.

Podemos tomar como exemplo a fala dos “caipiras”, em palavras como “arto”, no lugar de “alto”, ou de “mexerica” no lugar de “tangerina”. Trata-se de variação regional manifestada nos níveis fonético e lexical, respectivamente. Também é exemplo da variante geográfica a diferença do uso de uma mesma língua em diferentes países, como as diferenças entre o português falado no Brasil, em Portugal e em países africanos.

A *variação histórica*, também chamada de diacrônica, reflete a evolução da língua ao longo do tempo. Nela encontraremos expressões antigas que caíram em desuso (arcaísmos) e expressões inventadas recentemente (neologismos). Ao contrário do que se pensa, não é prerrogativa dos idosos usar “arcaísmos”; esses são frequentes, por exemplo, na linguagem jurídica, independente da idade.



A *variação social*, também chamada de diastrática, deriva do uso particular da língua por grupos específicos de pessoas. Como exemplo, teremos o jargão profissional, as gírias, a fala empolada dos políticos, a fala específica de pessoas com pouca escolaridade, geralmente encontradas em regiões mais pobres.



A *variação situacional*, ou diafásica, ocorre pela dinamicidade das relações humanas, pois a língua se adapta para se adequar à situação comunicativa em que os usuários se encontram.

Em contextos mais solenes, como entrevistas de emprego, tratativas com superiores hierárquicos, na presença de agentes públicos, geralmente se opta pela variante mais formal da língua. Em situações em que o usuário da língua tem maior familiaridade com seus interlocutores, a tendência é se policiar menos na linguagem e usar uma variante mais informal, com traços de oralidade.

Como exemplo, temos a diferença na fala de uma pessoa quando se dirige a um Juiz de Direito ou a um Policial Militar e quando conversa com seus amigos ou familiares.

Essa variação também se observa nos textos escritos: a linguagem dos aplicativos de comunicação *on line* é cada vez mais livre, despreocupada com as convenções da gramática normativa. É rica em abreviações e recursos gráficos e também tende a não respeitar a pontuação, de modo que se torna mais dinâmica, espontânea, em aproximação à fala.

Ressalto que esses tipos e níveis de variação se misturam dinamicamente, ou seja, numa conversa poderemos encontrar exemplos da influência da região, da idade, da escolaridade e da situação, tudo ao mesmo tempo. Um jovem carioca, não escolarizado, numa conversa informal com seus amigos do trabalho, no *whatsapp*, vai provavelmente fornecer exemplos de cada um desses aspectos.

O MELHOR DE CALVIN



AONDE VAIS TU, DELINQUENTE INFANTE? HAVERÁ AINDA VILANIA QUE NÃO TENHAS COMETIDO?

FAZES MAL JUÍZO DE MINHA TO INTERFESTIVAMENTE E O ZEPHÍR MAIS ELABORADO OSTENTA MAIS TRAMAS DO QUE EU. CONTUDO, NÃO ME DETENHAS, POSTO QUE RESOLVIDO ESTOU A DEIXAR ESTE LUGAR, INCONTINENTE.



COMO QUEIRAS, MAS SE SABEDOR QUE BREVE ME REVELARÃO TEUS INTENTOS. POR ORA, VAI-TE, TRASTE!

CONFIA QUE SOU INOCENTE.



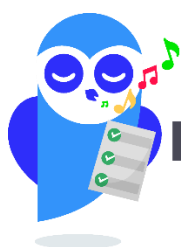
SANTO PALAVREADOR! SERÁ QUE NÃO TEM UM SERTADO DE POLÍCIA ONDE ELES FALEM QUE NEM GENTE DE VERDADE?

SHHH!

WATTERSON, BILL. O melhor de Calvin. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 27 ago. 2002.

Esses tipos e níveis de variação linguística *ajudam a evidenciar o locutor e o interlocutor de um texto falado ou escrito*, pois revelam características do contexto e dos envolvidos naquela situação comunicativa, como *escolaridade, idade, posição e prestígio social, região geográfica, objetivo e situação da comunicação*.

A fala muito formal e erudita de um locutor pode evidenciar sua escolaridade, profissão e posição social, ao passo que os desvios gramaticais, a pronúncia de certas palavras, a informalidade e o uso de gírias podem denunciar, por exemplo, que alguém é um morador do interior de Minas Gerais ou um jovem de algum centro urbano.



RESUMINDO



(PREF. DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP) / ENFERMEIRO / 2019 - Adaptada)

"No que dependesse dele, já teria passado por todas as operações jamais registradas nos anais da cirurgia: "Só mesmo entrando na faca para ver o que há comigo". Os médicos lhe asseguram que não há nada, ele sai maldizendo a medicina: "Não descobrem o que eu tenho, são uns charlatães, quem entende de mim sou eu". O radiologista, seu amigo particular, já lhe proibiu a entrada no consultório: tirou-lhe radiografia até dos dedos do pé. E ele sempre se apalpando e fazendo caretas: "Meu fígado hoje está que nem uma esponja, encharcada de bÍlis. Minha vesícula está dura como um lápis, põe só a mão aqui."

É própria da linguagem coloquial a expressão sublinhada em "Só mesmo entrando na faca para ver o que há comigo".

Comentário:

Note que há variação social e até regional na expressão "entrando na faca". É ainda uma expressão utilizada na linguagem mais informal, ou seja, coloquial. Questão correta.

NÍVEIS DE LINGUAGEM

A linguagem é a capacidade que temos de expressar nossos pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos por meio de diferentes sinais.

O conjunto de sinais escolhidos determina o tipo de comunicação: verbal, visual, auditiva, gestual etc.

Quando nos referimos à comunicação verbal e escrita, a língua é mecanismo central desse processo. E, em decorrência do caráter bastante individual da língua, é necessário destacar algumas modalidades. Elas acontecem segundo a situação comunicativa e o falante nativo da língua é capaz de produzir muitos desses níveis.

Vejamos abaixo os níveis da linguagem:

Norma Culta

A norma culta, também chamada de padrão, é utilizada em situações formais, principalmente na escrita, por ser mais planejada e bem elaborada.

Caracteriza-se pela correção da linguagem em diversos aspectos:

- ✓ cuidado maior com o vocabulário;
- ✓ obediência às regras estabelecidas pela gramática;
- ✓ organização rigorosa das orações e dos períodos.

Linguagem coloquial

A linguagem coloquial, também chamada de comum, é adotada em situações informais ou familiares.

Caracteriza-se por:

- ✓ espontaneidade;
- ✓ falta de preocupação com as normas gramaticais;
- ✓ uso de gírias e de palavras não dicionarizadas.

Esse nível de linguagem é facilmente identificado em correspondências pessoais (e-mail pessoal, redes sociais etc.), histórias em quadrinhos, conversas entre familiares e amigos.

Tome cuidado! A linguagem coloquial é informal, e não inculta, ou seja, a não obediência a normas gramaticais ocorre em virtude da espontaneidade e da estilística do falante.

Veremos mais à frente que devemos entender os diversos níveis de linguagem como **adequados** ou **inadequados** a determinada situação, e não como **certos** ou **errados**.

Linguagem técnica

A **linguagem técnica** é utilizada por determinados profissionais (servidores públicos, advogados, economistas, médicos etc.) no exercício de suas atividades.

É conhecida popularmente como “jargão” e podem causar dificuldade de entendimento aqueles que não são da área.

Linguagem literária

A **linguagem literária** é utilizada por poetas e escritores com finalidade expressiva.

Caracteriza-se pelo rebuscamento, uso de figuras de linguagem e sentido figurativo do vocabulário.



(DPE-RJ / TÉCNICO SUPERIOR / 2019 - Adaptada)

Em situações de formalidade, é conveniente evitar o uso de linguagem informal.

A frase *A gente não precisa ganhar muito para ser feliz* mostra-se inteiramente formal.

Comentários:

Note que “a gente” refere-se a um uso informal da linguagem. Por isso não podemos afirmar que a frase está na linguagem formal por completo. Questão incorreta

LINGUAGEM FORMAL X INFORMAL

A alternância entre o registro formal e o informal está diretamente ligada à variação linguística situacional, pois esse nível do registro é ajustado conforme a *situação*, para haver adequação ao **contexto comunicativo**.

Linguagem formal

Também chamada de registro formal, é pautada pela “forma”, ou seja, por “regras formais prescritas”, sem desvios ou “erros” gramaticais.

Ocorre costumeiramente quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações que requerem uma maior seriedade ou reverência, como o ambiente de trabalho, a comunicação com superiores hierárquicos ou pessoas prestigiadas pelo locutor.

A linguagem formal é considerada “adequada” também a discursos, aulas, seminários, dissertações de concurso público ou vestibular, documentos oficiais, requerimentos.

São características da linguagem formal:

- ✓ utilização rigorosa da norma gramatical culta;
- ✓ busca pela pronúncia clara e correta das palavras;
- ✓ uso de vocabulário rico e diversificado;
- ✓ períodos sintaticamente completos;
- ✓ linguagem mais objetiva com poucas expressões de sentido figurado (ditos populares);
- ✓ autopolicimento da linguagem, com objetivo de um registro prestigiado, complexo e erudito.

Linguagem informal

Também chamada de registro *informal* ou *coloquial*. Ocorre comumente quando há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações mais descontraídas, cotidianas, em que não se demanda rigor no uso da língua, pois não se pressupõe julgamento desse uso.

São características da linguagem informal, dentro da natural influência da espontaneidade situacional e de variações geográficas, culturais e sociais:

- ✓ despreocupação com as normas gramaticais
- ✓ uso vocabulário simples, gírias, palavrões, neologismos, onomatopeias, expressões populares e coloquialismos.
- ✓ uso de palavras abreviadas ou contraídas: *cê*, *pra*, *tá*.

ADEQUAÇÃO X INADEQUAÇÃO

Conforme vimos estudando, o conceito de “certo” e “errado” pressupõe uma norma tida como absoluta e mandatória. Esta norma é a gramática normativa. Nesse raciocínio, existe só uma língua oficial e absoluta, a língua culta, consagrada pelos literatos e pelo poder público, tida como modelo base de toda a educação nacional.

As variantes que fogem desse conjunto de regras “obrigatórias” sofrem julgamento moral: são consideradas “erro” ou “desvio da norma”.

A máxima linguística, por outro lado, defende que **não existe certo ou errado**. Cada variante surge naturalmente para preencher uma necessidade comunicativa específica e se torna recorrente porque atinge seu objetivo. Então, essa dicotomia deveria ser substituída pelo par “adequado” x “inadequado”. A linguagem de uma palestra não deve ser a mesma de uma conversa no bar, pois os contextos demandam variantes diferentes.

A busca da compreensão ampla das variantes linguísticas como forma de combater o preconceito de a estigmatização dos usuários de menor escolaridade deve estar, portanto, nas diretrizes das escolas, que devem educar os alunos para usar variantes “adequadas” para cada contexto, de acordo com sua finalidade e seus interlocutores, sem condenar as outras como “erradas”.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa expressam que:

*“No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, **o que se almeja não é levar os alunos a falar certo**, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa - dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. **A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso**, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 31)”*



(FUB / 2015)

Texto III

1

A língua que falamos, seja qual for (português,

inglês...), não é uma, são várias. Tanto que um dos mais
4 eminentes gramáticos brasileiros, Evanildo Bechara, disse a
respeito: "Todos temos de ser políglotas em nossa própria
língua". Qualquer um sabe que não se deve falar em uma
7 reunião de trabalho como sealaria em uma mesa de bar. A
língua varia com, no mínimo, quatro parâmetros básicos: no
tempo (daí o português medieval, renascentista, do século XIX,
dos anos 1940, de hoje em dia); no espaço (português lusitano,
10 brasileiro e mais: um português carioca, paulista, sulista,
nordestino); segundo a escolaridade do falante (que resulta em
duas variedades de língua: a escolarizada e a não escolarizada)
13 e finalmente varia segundo a situação de comunicação, isto é,
o local em que estamos, a pessoa com quem falamos e o motivo
da nossa comunicação — e, nesse caso, há, pelo menos, duas
16 variedades de fala: formal e informal.

A língua é como a roupa que vestimos: há um traje
para cada ocasião. Há situações em que se deve usar traje
19 social, outras em que o mais adequado é o casual, sem falar nas
situações em que se usa maiô ou mesmo nada, quando se toma
banho. Trata-se de normas indumentárias que pressupõem um
22 uso "normal". Não é proibido ir à praia de terno, mas não é
normal, pois causa estranheza.

A língua funciona do mesmo modo: há uma norma
25 para entrevistas de emprego, audiências judiciais; e outra para
a comunicação em compras no supermercado. A norma culta é
o padrão de linguagem que se deve usar em situações formais.

28 A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em
todas as situações? Evidentemente que não, sob pena de
parecermos pedantes. Dizer "nós fomos" em vez de "a gente
31 tinha ido" em uma conversa de botequim é como ir de terno à
praia. E quanto a corrigir quem fala errado? É claro que os pais
devem ensinar seus filhos a se expressar corretamente, e o
34 professor deve corrigir o aluno, mas será que temos o direito de
advertir o balconista que nos cobra "dois real" pelo cafezinho?

De acordo com o texto acima, julgue o seguinte item.

Depreende-se do texto que a língua falada não é uma, mas são várias porque, a depender da
situação, o falante pode se expressar com maior ou menor formalidade.

Comentários:

Certo. Na analogia que o texto faz, assim como cada situação demanda um nível de vestimenta,
cada contexto exige um nível adequado de formalidade.

A questão é a seguinte: devemos usar a norma culta em todas as situações? Evidentemente que

não, sob pena de parecermos pedantes. Dizer “nós fomos” em vez de “a gente tinha ido” em uma conversa de botequim é como ir de terno à praia.

FALA (ORALIDADE) X ESCRITA (GRAMATICALIDADE)

Fala e escrita não são institutos dissociados, porque forma um contínuo linguístico. Porém, para efeitos didáticos, precisamos demarcar importantes diferenças entre a produção de um texto oral e um escrito. A maioria das diferenças derivam da característica principal de cada uma. A **escrita** é normatizada, tem regras de forma, tende a ser mais “engessada”.

A **fala**, por sua vez, goza de grande liberdade, pois a inconsistência sintática muitas vezes se supre pelos elementos contextuais da situação. Ela é contextualizada, porque temos como aparato situacional, além das palavras, a linguagem corporal, gestos, olhares, expressões faciais e entoação, que diferenciam uma pergunta de uma afirmação, um tom sério de um tom irônico.

O texto oral é não planejado, é espontâneo, vai sendo construído e decodificado enquanto se fala. Por isso, é forte a tendência à *fragmentação sintática*, períodos são começados e abandonados, pois o falante muda de ideia, *retifica e reformula o conteúdo* e a estrutura de suas sentenças constantemente, até mesmo pela reação do interlocutor, que permite ao locutor refinar sua mensagem, se corrigir, esclarecer e elaborar melhor suas sentenças.

A fala também é marcada pela interação simultânea entre locutor e interlocutor, pois este pode interromper, tomar a palavra, questionar. O locutor, por sua vez, pode usar marcadores conversacionais, como “entendeu?”, “certo?”, “não é”... Ambos os participantes costumam acrescentar explicações, retificações, ponderações, interjeições, hesitações.

Há forte redundância, hesitação e imprecisão. Pela maior naturalidade do ato da fala, há maior dificuldade (ou menor preocupação) com regras gramaticais rígidas, o que alimenta a convicção de que na língua falada há mais “erros” em relação à variante padrão da língua. Por isso, é comum haver mistura de tratamento (“tu” e “você”: **meu** amigo, **te** considero muito); *ausência de concordância*; *concordância semântica* (“a empresa me demitiu, não perdoam ninguém”); *formas contraídas ou reduzidas* (“pra”, “prum”, “num”, “tá”, “cê”, “bora”).

Ex: “os meus amigo... encontrei eles ontem... tudo engordou... eu, tipo, era um dos que, sei lá, engordei menos, de todos...”

No texto escrito, as sentenças são sintaticamente organizadas para serem *enunciados completos e precisos, a concordância sintática é respeitada*. Os manuais de redação não recomendam fazer muitos adendos entrecortados, sob pena de o período ficar longo e truncado.

As palavras não se valem por si, são dependentes da situação: quando se diz “aqui ela fica hoje”, o contexto vai dizer a que local se refere a palavra “aqui”, “ela” e “hoje”. Em um texto escrito, essas informações teriam que ser esclarecidas também por via de palavras. Por isso, na fala, *o vocabulário é mais reduzido*, na quantidade e na variação.

Por outro lado, na escrita, há necessidade de se recriar artificialmente todo o contexto comunicativo, porque as palavras são o único recurso. Também por isso, há necessidade de aplicar corretamente a pontuação, a ortografia a concordância e demais regras gramaticais, pois, na ausência dessas “pistas” contextuais presentes na fala, a falha na aplicação dessas regras poderá

deixar o texto sem sentido e impedir a finalidade comunicativa.

Em um texto escrito, fragmentos sintáticos e problemas de pontuação podem tornar a sentença “agramatical”, ou seja, sem sentido, irrecuperável mesmo para um raciocínio gramatical intuitivo e natural. Não é o mero desvio de uma regra que torna o texto sem sentido, mas é aquele desvio que impossibilita a compreensão:

Ex: Contaram-me seu segredo. (**gramatical**, colocação pronominal correta)

Me contaram seu segredo. (**gramatical**, mas com “erro” no uso do pronome)

Seu me segredo contaram. (**agramatical**, sem sentido, sintaxe não natural)

Resumindo:

Todos podemos utilizar a língua da maneira que quisermos, mas é imprescindível que, para que haja comunicação, ou seja, entendimento entre as partes, a língua seja adaptada e moldada de acordo com cada situação.



(MPE-RJ / Analista Processual / 2016 - Adaptada)

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a

segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autosegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, Scripta Nova) “A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro”.

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem. Um exemplo desse comportamento encontra-se nas formas reduzidas: “tá de pessoa para pessoa”.

Comentários:

De fato, “tá” é forma reduzida de “está”, característica comum da linguagem oral informal. Questão correta.

(TJ-PI / OFICIAL DE JUSTIÇA / 2016 - Adaptada)



A linguagem verbal empregada na charge mostra traços de regionalismo.

Comentários:

O candidato deveria estar muito atento para resolver essa questão. No canto inferior direito da figura há a palavra “passofundo”, município do Rio Grande do Sul. Esperava-se do candidato associar que o uso recorrente da segunda pessoa “tu” e a concordância com essa pessoa do discurso é variação regional do sul do Brasil. Questão correta.